

Quadros da Produção Agrícola Brasileira (1940-1950)

LUIZ L. DE VASCONCELOS

A um ritmo de desenvolvimento muito aquém do que é experimentado pela indústria, a agricultura brasileira evolui, contudo, de uma maneira sensível e acusa mesmo importantes modificações de estrutura. Sobre a exploração monocultural de um passado relativamente recente, começam a impor-se agora culturas diversificadas que, sobretudo nos últimos anos, têm procurado adaptar-se às novas situações econômicas reveladas no país, embora na sua totalidade ainda pesem com menos de 50% no volume e no valor da produção.

Torna-se extremamente difícil determinar com que intensidade essas modificações, aliadas aos efeitos simultâneos e paralelos da pecuária e de extensos setores das indústrias extrativas, se projetam na vida rural, devido à complexidade das formas que revestem. No entanto, lançando mão dos dados ao nosso alcance, sem esquecer em momento algum que, na sua maioria, são apenas largamente aproximativos, poderemos efetuar uma análise de conjunto, que pouco se afastará, por certo, da realidade.

Como ponto forçoso de referência tomaremos as Estatísticas da Produção Agrícola e acompanharemos a sua deslocação no decênio recém-findo. Observe-se que a produção agrícola por si só representa mais de dois terços do valor da produção primária e ocupa o maior número de braços nesta categoria de atividade. E' evidente que até serem divulgados os resultados do recenseamento de 1950, não estaremos em condições de avaliar, na sua justa medida, a extensão dos fenômenos que aqui serão apontados de maneira esquemática nessa base, por vêzes em unidades

puramente teóricas, mas com o fito único de facilitar elementos dignos de consideração, para confrontos e ponderações posteriores no quadro da produção nacional.

Em números absolutos, o desenvolvimento atingido pela produção agrícola é deveras notável. Houve um aumento real das áreas cultivadas e um acréscimo em volume da ordem de 49%, superior, portanto, ao acréscimo populacional verificado no mesmo espaço de tempo, e que se estima em 22%, para todo o Brasil.

Obedecendo a estímulos de índole totalmente diferente, a produção dos dois grupos fundamentais de culturas agrícolas — produtos predominantemente destinados à exportação e produtos para consumo interno — caracterizou bem, durante o período de guerra, as novas tendências geradas pelos reflexos da crise de 1930, que se confirmam por completo no lustro seguinte e ampliam cada vez mais a latitude de sua diversificação.

No crescimento da produção, e interessa muito ter isso em vista, a participação das culturas para consumo interno foi decisiva. O volume físico dos produtos tradicionais de exportação, com exceção do algodão, que diminuiu, manteve-se sem grandes alterações. Sua contribuição proporcional no aumento em valor foi largamente ultrapassada pelos primeiros, apesar da alta dos preços, tão pronunciada no último triênio.

Na parte atinente à pecuária, cuja produção cresceu mais aceleradamente que a agrícola, o campo de observação não é menos interessante. As estatísticas registram um encorajador aumento do número de cabeças de gado tratado. Basta dizer que somente a população bovina aumentou 50% no período em questão. Para tanto contribuíram o estímulo encontrado nos elevados preços de exportação das carnes e as facilidades de crédito concedidas pelo Estado. Significativos foram também os acréscimos observados noutros setores, impelidos quer para a produção de carnes, couros, gorduras, etc., quer pela procura reforçada de força animal nos trabalhos da lavoura. A superfície das pastagens acompanhou, naturalmente, êsse aumento.

Apesar de tudo, a verdade é que a economia brasileira continua a depender imenso de uma agricultura que, em suas linhas

gerais, se nos apresenta com características de atraso e tolhida pelo seu fraco rendimento. A despeito da possibilidade teórica de prover, integralmente, com seus próprios recursos, ao sustento de uma população em rápido crescimento e às necessidades cada vez maiores de uma indústria de transformação, as áreas cultivadas são ainda pouco expressivas, não indo além de 8,9% da superfície total das propriedades agrícolas certificadas pelo censo de 1940.

A produção está ainda, na sua maior parte, confiada aos cuidados de enxada; as terras esgotam-se com extraordinária rapidez, não permitindo um cultivo intensivo, devido ao fato de não se utilizarem adubos nas quantidades requeridas, nem se adotar, salvo a título experimental, o processo da rotação de culturas aconselhado pela moderna agronomia; os lavradores autônomos (pequenos proprietários e parceiros), subjugados por relações de trabalho e de propriedade do tipo pré-capitalista, sem meios para poderem enfrentar, em boas condições, os problemas de conservação e exploração eficiente dos solos que levanta uma agricultura moderna, a única rendosa, não se fixam à terra, forçados que são a deslocar-se periódicas.

Muitos outros fatores concorrem para reforçar esta perspectiva sombria. Fatores de ordem geral, antes social que natural, cujo exame foge à alçada deste estudo. Mas mencionaremos, por agora, o aumento percentual registrado no pós-guerra, sobre o valor das exportações, pelos produtos agropecuários produzidos em tão desvantajosas condições, e a alta persistente dos preços industriais, que reduzem ao mínimo, cada um deles pelo seu lado, os efeitos do incremento tomado pela produção. Quando deflacionado ao nível ponderado de 1940, o preço teórico médio da tonelada produzida na lavoura, que sofrera uma diminuição gradual até aos primeiros anos da década de 40, não apresenta indícios seguros de recuperação, estando os preços pagos ao produtor em flagrante desequilíbrio com os preços por ele pagos. Como é fácil de ver, o peso desse desequilíbrio asseberba os pequenos produtores.

Se bem tenha progredido a mecanização dos campos, o grosso das propriedades agrícolas — 75% só de pequenos e pequeníssimos proprietários, em 1940 — continua a desconhecê-lo (ver em Apêndice, Nota 1).

Em suma, nada poderá caracterizar melhor a feição real das regiões rurais que a reduzida vitalidade do seu mercado interno e o baixo rendimento médio por hectare e *per capita* da produção.

Nas regiões do Norte e do Nordeste, onde ainda têm preponderância absoluta métodos de cultivo já abandonados, felizmente, pelas explorações do Sul, mais racionais e beneficiadas pela mecanização, estas constatações tornam-se sobremodo vivas. O Brasil agrícola dividiu-se, de fato, nos últimos vinte anos, em duas partes distintas.

Classificação dos produtos agrícolas

Em 1940, o censo comprovou que o Brasil era um dos países da América Latina com maior proporção de habitantes ocupados na agricultura e um dos de mais baixa produtividade *per capita*. Distinguia-se, igualmente, por ser também um dos poucos países que desconhecia problemas prementes de disponibilidade de novas áreas de cultivo, apesar dos efeitos gravíssimos resultantes da continuada exaustão das terras aráveis. Podia dizer-se que não se fazia sentir a pressão da população sobre as terras, exceção feita do Nordeste, pelos motivos de sobejo conhecidos.

Cerca de 67% da população ativa e remunerada maior de 10 anos se localizava nas regiões rurais, vivendo da agropecuária (1).

Este importante grupo da população extraía seus meios de subsistência da exploração, nas condições acima resumidamente expostas, de 106,9 milhões de hectares — 12% da superfície total do Brasil —, 18,8 milhões dos quais (2,2%) aproveitados em culturas permanentes ou temporárias e os restantes 88,1 milhões em pastos naturais.

Mais das 3/4 partes do valor total das exportações, em 1940, provieram de 17 produtos fundamentais cultivados nessas terras (2). Perto de 66% do valor da produção industrial se

(1) No cálculo da cifra indicada eliminaram-se as pessoas ocupadas em atividades domésticas, escolares, mal definidas ou não declaradas e aquelas não compreendidas nos ramos remunerados. No entanto, entre as pessoas dedicadas a atividades domésticas, muitas há que trabalham temporariamente na lavoura. O IBGE registra, apenas, como sendo de 33,5% a população ativa total ocupada na agricultura (conf.: ALCAZAR, *Brasil: agricultura*, 1950).

(2) Quatro dentre eles contribuíram com mais de 60% do valor total.

deveram ao tratamento de matérias-primas de origem agropecuária.

Não será lícito afirmar, de pronto, que as modificações registradas durante o decênio tenham alterado profundamente os enunciados da situação. Os mesmos fatores funcionais desfavoráveis sofriam hoje ainda a sua expansão. Na verdade, a agricultura brasileira conserva, em 1950, embora em menor escala, as mesmas características de atraso e de baixo rendimento que tanto a diminuem em face dos resultados conseguidos em países mais desenvolvidos.

No decorrer do nosso trabalho procuramos examinar de relance as alterações ocorridas na produção agrícola, cientes, contudo, da insuficiência das fontes de informação. Além de fragmentárias, estas não têm em consideração as quantidades produzidas para consumo caseiro local, e apenas arrolam 29 produtos, 8 dos quais figuram somente de 1944 em diante. E' provável que os totais anuais da área cultivada incluam duplicações parciais, visto que uma mesma área pode ser dada, repetidamente, para dois ou três produtos nela semeados ao mesmo tempo.

No intuito de simplificar o cálculo, a fim de obter uma expressão em números relativos das modificações principais ocorridas até 1950, quer parecer-nos que a produção de 1940, ano do penúltimo censo e praticamente o primeiro de um novo período inaugurado com a última guerra, através do qual a inflação atingiria proporções sem paralelo na história brasileira, podia servir de excelente base para confronto (3). De resto, como as influências climatéricas não se fizeram sentir com variações de monta, e as influências de outra natureza mantêm uma tendência mestra e um ritmo cujas feições determinaram o desenvolvimento prosseguido na última década, as vantagens óbvias da simplificação, reforçadas por essas constatações, afastam o receio de cair em erros grosseiros.

Ideal seria podermos deduzir nas quantidades produzidas a parte reservada para sementes e para alimentação do gado,

(3) O índice sintético de preços médios pagos ao produtor, sugerido pelo IBGE (Sérgio N. de Magalhães Júnior: *Revista Brasileira de Estatística*, ano IX, n.º 35), estabelece, para 1940, o valor 99.9, na base do período 1935/1939 = 100. No entanto se diga que esse ano já define um ponto baixo da queda gradual que se arrastava ao sabor das vicissitudes do mercado dos produtos de exportação.

mas tratando-se de apurações que se confessam largamente aproximativas, repetimos, e estando o estudo lançado num confronto simples, que o torna bastante teórico, resolvemos desprezar êsse ponto.

Até 1944, como é sabido, as estatísticas registravam unicamente os 21 produtos principais. Por êles nos teremos de nortear, agrupando-os em:

6 *cereais*: arroz, aveia, centeio, cevada, milho e trigo.

3 *succdâneos de cereais*: critério seguido pelo IBGE, que nesta designação reúne batata-inglês, feijão e mandioca.

4 *frutas*: abacaxi, banana, laranja e uva.

1 *forragem*: alfafa.

5 *produtos predominantemente destinados à exportação*: algodão, cacau, café beneficiado, fumo em folha e mamona, dos quais se exporta mais de 25% do total produzido.

E sobram ainda duas culturas para imediata transformação industrial, com as quais faremos um grupo particular;

Caná-de-açúcar e côco-da-bahia.

Incluiremos também, à parte, numa única categoria, não obstante possuírem caráter bem distinto, os oito produtos restantes que aparecem nas estatísticas a partir de 1944 (4):

8 *produtos restantes*: alho, amendoim, batata-doce, cebola, chá-da-índia, fava, tomate e tungue.

Conforme vemos, a divisão um tanto ou quanto arbitrária das 21 culturas principais baseia-se na igualdade de interesse entre os vários produtos, para os mercados compradores. A relação é muito incompleta, mas representa cerca de 99% do total assinalável da produção agrícola. Quem nos dera, claro, poder dispor de dados mais completos. A parte relativa às frutas, para unicamente citar um exemplo, ignora produções importantes como as de abacate, limão, mamão, manga e outras.

O volume físico da produção agrícola

Durante o decênio houve um aumento da área efetivamente cultivada, com as 29 culturas, superior a 4,8 milhões de hectares, assim distribuídos:

(4) Encarando ês 8 produtos em grupo, poderemos observar melhor o seu ritmo de desenvolvimento, interessante, não há dúvida, mas para alguns articulistas quase sinônimo, apesar da modesta participação que os mesmos têm no conjunto da produção, de um hipotético ritmo de diversificação.

Brasil

QUADRO I-A

AUMENTO DA ÁREA CULTIVADA: EM MILHARES DE HECTARES

Anos	21 CULTURAS PRINCIPAIS							8 RESTANTES
	(1) 6 cereais	(2) 3 suc. de cereais	(3) 4 frutas	(4) Cana e côco	(5) 1 forragem	(6) 5 prod. de exp.	Total	(7) Total das 8 cul turas
1940	5 011	1 629	247	608	20	5 399	12 914	202(*)
% do total.....	38,8	12,6	2,0	4,7	0,1	41,8	100,0	+1,3
1950	7 398	2 909	241	867	25	6 141	17 581	391
% do total.....	42,1	16,6	1,4	4,9	0,1	34,9	100,0	+2,2
±	+2 387	+1 280	-6	+259	+5	+742	+4 667	+189
% do total.....	51,1	27,5	- 0,1	5,5	0,1	15,9	100,0	+4,0
% de aumento....	47,6	78,6	- 2,4	42,4	25,0	13,7	36,1	93,6

(*) Área em 1944 e percentagem correspondente.

As culturas de consumo interno foram de longe as que mais se expandiram, ocupando 3,9 milhões de novas terras. Entre elas sobressaem os cereais e seus sucedâneos na alimentação e no aproveitamento industrial, responsáveis por 78% do acréscimo verificado. Mas note-se que a circunstância de cerca de 2/3 da área plantada com cereais serem ocupados pelo milho — em grande parte destinado ao gado — deturpa um pouco o alcance das conclusões que daí se podem tirar.

Mais impressionante ainda foi o incremento tomado pelas 8 culturas do item (7) de nossa classificação, que, em seis anos, quase duplicaram a sua área de cultivo, para o que muito contou o desenvolvimento substancial da produção de amendoim e de tomate.

Das culturas principais de consumo interno, as que mais se dilataram, proporcionalmente, foram o trigo, o arroz, o feijão, a cana-de-açúcar, a mandioca e o milho.

QUADRO I-B

Brasil

AUMENTO DA ÁREA CULTIVADA: EM MILHARES DE HECTARES

Anos	Trigo	Arroz	Feijão	Mandioca	Cana de açúcar	Milho	Tomate	Amandoi	Batata doce
1940.....	201	872	978	584	564	3 904	(*) 3	(*) 31	(*)86,6
1950.....	682	1 988	1 791	970	814	4 678	14	137	117,7
+	481	1 116	813	386	250	774	11	106	31,1
% de aumento..	239,3	128	83,1	66,0	44,3	19,8	366,6	341,9	35,9

(*) Área de 1944.

Algumas destas culturas beneficiaram-se muito da mecanização, principalmente o trigo, o arroz, o amendoim e a cana-de-açúcar, por mais aptas a recebê-la. Favorece-as, além disso, uma procura imediata no país e os créditos substanciais que o Estado tem colocado à disposição de alguns produtores. São também, na sua maioria, consideradas as circunstâncias de momento, culturas que só se tornam de fato rendosas quando exploradas em grandes áreas, o que indica que os acréscimos de-

Brasil

QUADRO II

AUMENTO DAS QUANTIDADES PRODUZIDAS EM MIL TONEIADAS

Anos	21 CULTURAS PRINCIPAIS							8 RESTANTES
	(1) Cereais	(2) 3 suc. de cereais	(3) 4 fr. tos	(4) cana e côco	(5) 1 forragem	(6) 5 prod. de exp.	Total	(7) Total das 8 culturas
1940	6.330	8.533	3.126	22.319	111	2.935	43.354	859(*)
% do total.....	14,6	19,7	7,2	51,5	0,2	6,8	100,0	+1,6
1950	9.935	15.153	4.798	31.791	192	2.774	64.643	1.415
% do total.....	15,4	23,4	7,4	49,2	0,3	4,3	100,0	+2,2
	+3.605	+6.620	+1.672	+9.472	+81	-161	+21.289	+556
% do total.....	16,9	31,1	7,9	44,5	0,4	-0,8	100,0	+2,6
% de aumento....	57,9	77,6	47,6	42,4	73,0	-5,5	49,1	64,7

(*) Quantidade produzida em 1944 • Percentagem respectiva.

vem ser postos a crédito das grandes e médias propriedades, tanto mais que foi para estas que seguiram as máquinas agrícolas importadas. Não se passe em claro que se trata de produtos predominantemente cultivados nas regiões do Sul e do Centro, onde se verificou, aliás, um incremento mais acelerado.

No caso particular do trigo, o progresso é bastante apreciável, pois, satisfazendo já quase $1/3$ das necessidades totais do consumo nacional deste cereal, permite pensar que o Brasil se poderá libertar num futuro próximo, no caso, da tutela imposta pelos interesses internacionais, que controlam a colocação dos excedentes mundiais exportáveis de um produto de primeira necessidade que tanto pesa na balança de pagamentos internacionais.

Será interessante vermos agora a correspondência entre este acréscimo de área e o aumento real quantitativo da produção de cada categoria (Quadro II). Como simples ponto de referência dêsse modo teremos depois, à nossa disposição, elementos para apreciar o rendimento médio. Com áreas que, antes da última guerra, eram quase, ou proporcionalmente, iguais às do Brasil de 1950, para cereais e seus sucedâneos, alguns países europeus produziam o triplo ou o quádruplo da quantidade, o que lhes permitia alimentar melhor os seus habitantes e reservar ainda, em certos casos, parte apreciável para exportação.

Também aqui vamos encontrar, não obstante a sua escassez, face às necessidades do país, um acréscimo importante dos cereais e seus sucedâneos, quase igualado pelo da cana-de-açúcar, e unicamente superado pelos 8 produtos ditos restantes para comodidade de nosso estudo. São, entretanto, culturas de baixos preços ao produtor e, como veremos adiante, responsáveis pela baixa do valor médio da tonelada produzida, à custa da qual pode parecer à primeira vista que se processa a diversificação da agricultura brasileira.

A diminuição observada nos produtos de exportação deve-se, principalmente, ao decréscimo da procura do algodão nos mercados externos, de vez que se retomou, depois da guerra, a corrente de suprimentos do Egito, do Paquistão e dos Estados Unidos, temporariamente interrompida. A produção de algodão nacional (em caroço ou em pluma) passou de 1,5 milhão de toneladas, em 1940, a 1,25 milhão, no ano findo.

E' sintomático que êstes produtos não tenham acompanhado sequer a taxa de crescimento da população. A quantidade de matérias-primas agrícolas exportáveis *per capita*, tão procuradas nos mercados internacionais, é hoje menor que há onze anos. Eis, seguramente, um dos resultados, mesmo no caso do algodão, da política restritiva que se seguiu.

Nada radioso se nos apresenta o quadro de conjunto das colheitas ao examinarmos o rendimento médio das culturas principais (Quadro III). Veremos que houve, na verdade, uma baixa, por vêzes acentuada, de rendimento médio na maioria das culturas, que continuam a ser produzidas em regime de exploração extensiva e não intensiva. A justificação do aumento de 8,9%, no rendimento, apurado em números abstratos sôbre o total geral só pode ser atribuída, neste particular também, à contribuição relativa dos cereais, que apesar de tudo é francamente ultrapassada pelo aumento extraordinário do rendimento médio das frutas, cujo pêso no total da quantidade produzida representa cêrca de 7,5%. O incremento adquirido pelo rendimento médio da produção de frutas anda em tôrno de 50% do seu nível de 1940. Não menos notável foi o aumento do rendimento da alfafa, mas como se trata de um produto cuja área não chega a representar 1% da área total, a sua participação é insignificante.

De uma maneira geral, contudo, sômente à custa de um aumento da superfície de plantio se tornou possível aumentar a produção, ao contrário do que sucedeu em grande número de outros países, durante o decênio. Isso nos indica *a priori* como é realmente baixo o emprêgo de adubos e parece apontar também a ineficácia da luta contra o grande inimigo das plantações — o inseto.

Outros motivos mais profundos estão na base dêste fraco rendimento, claro. O problema, em si mesmo, é um dos problemas que mais gritam por resolução, se se quer verdadeiramente vencer o atraso com que se debate, em bloco, a agricultura brasileira (5). Produz-se relativamente pouco e mal, situação refletida em múltiplas parcelas na economia nacional e na posição

(5) Muitos autores não separam, em última análise, o problema da reforma agrária, tese que tanta discussão tem suscitado. Quase todos os grandes partidos políticos brasileiros se lhe têm referido, de uma maneira ou de outra.

Brasil

QUADRO III

RENDIMENTOS AGRÍCOLAS MÉDIOS: UNIDADES POR HECTARE

Anos	Arroz (k)	Milho (k)	Trigo (k)	Batata inglesa (t)	Feijao (t)	Mam- doica (t)	Ba- nana (t)	La- ranja (t)	Cana de açúcar (t)	Algodão em ca- roço (k)	Cacau (k)	Café (k)	Batata doce (t)
1940.....	1 514	1 249	506	6,5	784	12,5	18,7	10,2	39,0	648	557	398	7,6(*)
1941-1943.....	1 694	1279	799	5,8	867	13,2	19,9	10,2	39,0	671	583	393	—
1944/1948.....	1 529	1 288	655	5,2	725	12,6	25,3	14,2	37,0	523	476	342	7,8
1947/1949.....	1 545	1 276	808	4,8	686	13,5	28,1	14,8	38,0	444	444	406	7,8
1950.....	1 614	1 317	760	5,0	714	13,5	29,0	15,5	38,9	480	496	386	8,3

(*) Rendimento médio em 1944.

demográfica — numa palavra, no baixo nível de bem-estar geral (ver Nota 2, em Apêndice).

A produtividade "per capita"

A produtividade *per capita* deve no entanto ter aumentado sensivelmente, não obstante ser uma das mais baixas das Américas, pois o ritmo de crescimento da população rural ativa parece ter sido bastante inferior ao do aumento da produção.

A fim de suprimirmos a falta de dados exatos, lançamos mão dos resultados parciais que temos da apuração do último censo, e com êles estimaremos a parte da população ativa que se empenhou, efetivamente, na lavoura, em 1950. Sabemos que, em 1940, subia a 9,4 milhões o número de pessoas ocupadas na produção agropecuária, sem contar, bem entendido, os dependentes e demais familiares que compartilhavam da renda do seu trabalho, muitos dos quais os teriam ajudado nas várias tarefas que comporta a produção. Dêsses 9,4 milhões, calculou-se que cêrca de 7,5 milhões (80%) se dedicavam exclusivamente à agricultura.

Recorrendo aos processos de cálculo, foi possível estimar, para 1950, um aumento total que não resulta ser superior a 1% ao ano, isto é, em números absolutos, um acréscimo de apenas 940 mil habitantes rurais ativos. Teríamos assim uma população ativa ocupada na agropecuária da ordem de grandeza de 10,34 milhões (6).

Explica-se tão reduzido crescimento pelo rápido desenvolvimento das populações urbanas, que se sabe ser de 4,8% anuais, para as capitais dos Estados, e se avalia em 4,4% para os restantes centros urbanos. Por outro lado, à base das apurações definitivas conseguidas para alguns Estados, e sem perder de vista que houve um verdadeiro êxodo das regiões rurais, acentuado durante a guerra e mantido no após-guerra, não estaremos longe da realidade calculando um crescimento da população das vilas em cêrca de 3,5% ao ano, o que deixa para a população

(6) Seria interessante observar qual a percentagem de colonos imigrantes recentemente chegados ao país, que se incluirá nesta cifra aproximativa, visto que o problema da colonização é mais um problema importante da agricultura e muito se escreve e discute a seu respeito.

rural, em conjunto, na asserção de 50 milhões de habitantes para todo o Brasil, uns 31,5 milhões.

Acreditando que se tenha conservado imutável a proporção de braços divididos entre a agricultura e a pecuária, teríamos 8,25 milhões de habitantes ativos, em 1950, labutando na produção agrícola. E' provável que o seu número seja superior ao que apontamos, pois o crescimento da população pecuária, quase igual, proporcionalmente, ao do volume da produção agrícola, não implica necessariamente acréscimo da mesma amplitude dos braços que dela cuidam. Tampouco as indústrias extrativas rurais lhe teriam captado gente que pese no geral (*).

Não pretendemos entrar em detalhes sobre a produtividade *per capita* do agricultor brasileiro, acêrca da qual, bem como a respeito do rendimento dos solos, muito se poderia dizer. Isso equivaleria a ultrapassar claramente os limites modestos dêste breve apanhado.

Seria imprescindível confrontar o rendimento das esparsas regiões e zonas de culturas intensivas que se intercalam no país com as culturas de extensão, mais árduas e ingratas, mas exigindo bem menores investimentos. Não há dúvida que enquanto persistir o baixo poder de compra da população e o abandono a que estão votadas extensas partes do território, enquanto persistirem no campo os laços de dependência do tipo semifeudal que dão ao dono das grandes e médias propriedades a possibilidade de explorar o trabalho não muito disposto dos seus rendeiros, enquanto não forem organizados devidamente os mercados de produtos agrícolas, para o que urge melhorar a rede de transportes que os fará circular como convém, e, entre tantas outras coisas, eletrificar as regiões rurais, a produção agrícola continuará arrastando-se sem a perspectiva de um melhoramento rápido e efetivo, sem conseguir obstar à desvalorização intermitente que vimos presenciando nos últimos decênios, hoje em dia em lenta recuperação, quase que exclusivamente alimentada pelos preços de exportação, fora do contrôlo do produtor brasileiro.

(*) Os dados provisórios mais recentes fazem crer numa população de 52 milhões, o que, aliás, pouco altera esta grosseira estimativa.

Brasil

QUADRO IV

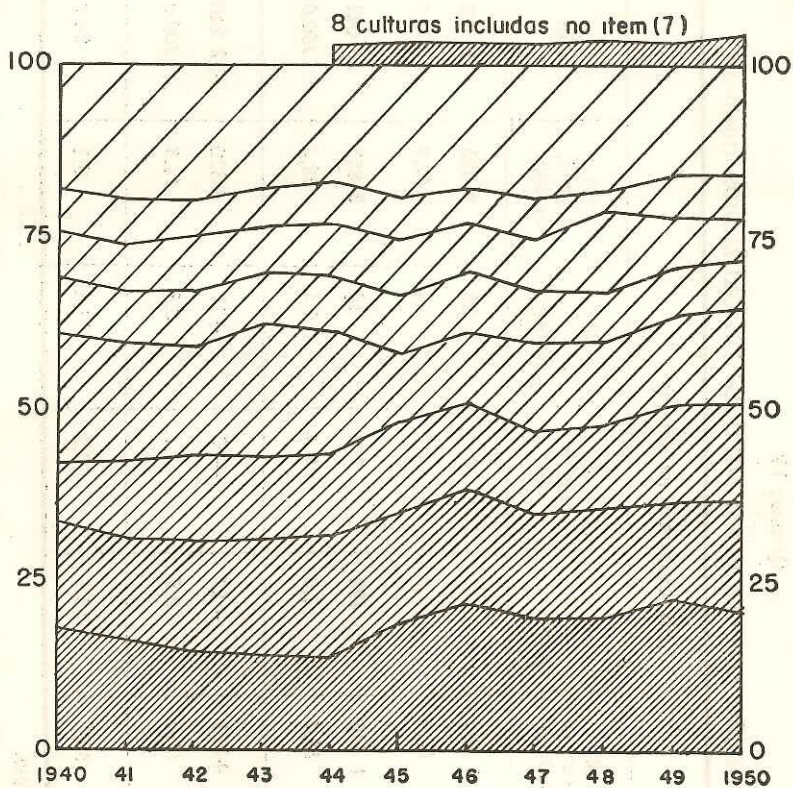
VALOR DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA: EM MILHÕES DE CRUZEIROS (1940=100)

ANOS	21 CULTURAS PRINCIPAIS							8 RESTANTES
	(1) 6 cereais	(2) 3 suc. de cereais	(3) 4 frutos	(4) cana e côco	(5) 1 forragem	(6) 5 prod. de exp.	Total	(7) Total das 8 culturas
1940	1 957	1 164	433	682	29	3 535	7 803	236(*)
% do total.....	25,1	14,9	5,6	8,7	0,4	45,3	100,0	+2,8
1950 (*)	3 352	1 545	493	752	46	3 855	10 043	341
% do total.....	33,4	15,4	4,9	7,5	0,4	38,4	100,0	+3,4
±	+1 395	+381	+57	+70	+17	+320	+2 240	+105(**)
% do total.	62,3	17,0	2,5	3,1	0,8	14,3	100,0	+4,7
% de aumento....	71,3	32,7	13,1	10,3	58,6	9,1	28,7	44,5

(*) Preços de 1944 deflacionados ao nível de 1940.

(**) O aumento é de 1944 para 1950.

PERCENTAGEM NO VALOR DEFLACIONADO DA PRODUÇÃO



CONVENÇÃO



14 culturas restantes



Mandioca



Algodão



Milho



Feijão



Cana de açúcar



Arroz



Café

Valor da produção agrícola

De fato, se deflacionarmos o valor da produção dos últimos anos, ao nível dos preços pagos ao produtor em 1940, já de si mesmo baixo, como dissemos antes, projetando-o numa escala de índices ponderados, veremos que as modificações ocorridas não fogem, em última análise, a despeito das conseqüências estimulantes que trouxeram, a uma baixa real de valor.

O índice sintético por nós elaborado, e que satisfaz os propósitos de momento, é, necessariamente, um índice de preços pagos ao produtor, pelos 21 produtos principais (98% da produção registrada), na base 1940 = 100. Feitas as devidas ponderações, achamos o cociente 410,1, para 1950, levemente inferior ao de 1949 (410,4), devido às alterações percentuais no valor dos produtos de exportação.

Em vez de preços pagos ao produtor, melhor diríamos valores médios ou unitários da produção, pois foi por êles, de fato, que estabelecemos o índice (7), sem nos preocuparmos com as variações sazonais, regionais e outras, que mais ou menos se anulam no cômputo dos valores médios.

O Quadro IV nos dará uma idéia bastante aproximada do valor total e discriminado das principais culturas, em preços pagos ao produtor. Também aqui verificaremos que a participação dos cereais no acréscimo absoluto foi muito importante, havendo a registrar a contribuição dos produtos predominantemente destinados à exportação, que monta a 14% do acréscimo total — pêso inferior, porém, à parte que lhe toca na expansão da área cultivada.

O valor da produção não acompanhou o crescimento quantitativo, pois diante dos 49% inscritos no Quadro II, somente subiu, no decênio, 29%. Evidenciando outra prova de fraco rendimento das colheitas, mais próximo se situa, se bem seja ainda

(7) Na mesma ordem de idéias, o IBGE elaborou o seu índice de preços, que serviu de base a vários trabalhos da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), das Nações Unidas, e a outros centros de estudos, sobre a produção brasileira. Dada a composição da produção agrícola brasileira, êste índice é muito discutível, sob vários aspectos. Dêle nos socorremos, entretanto, determinando seus valores para os anos 1946/1950, por o considerarmos satisfatórios para a finalidade desta despretensiosa análise:

São os seguintes os números-índices apresentados pelo IBGE:

1940 = 100 (99,9); 1941 = 119; 1942 = 142; 1943 = 170;
1944 = 203; 1945 = 243; 1946 = 280.

assim menor, do acréscimo da área (36%). O simples confronto de percentagens nos indica imediatamente que somente os produtos de exportação acusam melhoria de valor (com 9% de aumento, preenchem 14% do acréscimo total).

Maior ainda é a desvalorização das 8 culturas ditas restantes, nas quais 2/3 do seu valor total se devem a 3 produtos — batata-doce, cebola e tomate — de fraco rendimento, e cujos valores médios, os dos dois últimos principalmente, têm baixado na medida em que a produção permite abastecer melhor o mercado. Como deflacionamos em bruto, ao índice ponderado das 21 culturas principais para 1944, na falta de informações sobre os preços médios de 1940, os seus totais pela primeira vez inscritos nesse ano, é provável que a desvalorização seja ainda mais acentuada.

Houve, naturalmente, desiguais flutuações de preços dentro de cada uma das categorias e pode-se observar que o aumento da produção foi feito à custa de produtos menos bem pagos. O confronto dos índices dos preços médios ao produtor aí está a confirmá-lo, se atentarmos no Quadro V, sendo de notar, evidentemente, que a alta dos preços da exportação elevou bastante o padrão aferidor.

Nosso índice sintético anual está sujeito a tôdas as cauções que pusemos anteriormente, muito em especial o seu número para 1950, calculado sobre apurações incompletas da produção.

E' provável que, ao serem devidamente corrigidos os últimos totais até agora divulgados, suba uns pontos decimais, igualando ou passando mesmo além da craveira para 1949. Esta elevou-se 12% em relação ao ano anterior.

De 1948 para 1949, o preço médio do café, produto agrícola atualmente, e de longe, o mais bem pago, subiu 15%, contribuindo também com um pêso superior no valor total (21.96%, em 1949, contra 19.49%).

O Quadro V, pôsto em confronto com índices ponderados do custo da vida, sobretudo os índices de preços das utilidades industriais de que o lavrador necessita, revela que em quase todos os casos êstes últimos são mais elevados. Muito interessante será também o confronto com os índices de preços por atacado e no varejo dos próprios produtos agrícolas. Esperamos

QUADRO V
NÚMEROS-ÍNDICE DE PREÇOS DEFLACIONADOS AO PRODUTOR

Anos	Índice sintético anual	Arroz	Aveia	Centeio	Cevada	Milho	Trigo	Batata inglesa	Feijão	Man- dioca	Abacaxi
1940	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1945	243,4	90	78	80	65	118	62	92	83	87	98
1946	281,0	79	94	125	88	105	92	100	79	81	111
1947	329,4	75	97	117	103	100	115	114	88	76	124
1948	366,6	85	94	91	113	105	100	105	113	74	118
1949	410,4	92	89	68	100	105	87	76	80	75	109
1950	410,1	87	90	70	98	105	87	78	80	74	110

QUADRO V — continuação

ANOS	Banana	Laranja	Uva	Cana de açúcar	Cêco da Bahia	Alfafa	Algodão		Cacau	Café	Fumo	Mamona
							Pluma	Caroço				
1940	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1945	101	69	95	95	122	83	70	59	69	133	99	63
1946	105	75	87	86	151	80	95	57	113	150	98	114
1947	97	72	109	80	108	79	90	70	183	129	89	120
1948	97	72	102	74	113	84	94	73	161	123	76	76
1949	94	68	89	75	111	89	93	60	102	141	71	54
1950	94	69	104	75	111	92	93	61	102	144	73	53

ter oportunidade de analisar em detalhe, num estudo próximo, dedicado exclusivamente a êstes e outros aspectos importantíssimos da produção agrícola, as conseqüências reais da desvalorização na economia do país.

Como estamos vendo, o café ocupa de fato uma posição ímpar, sob todos os pontos de vista. Supomos despropositado comentar aqui a sua alta, tão flagrantemente evidenciada, e que influi de maneira bastante sensível nos números-índices dos outros produtos. Quanto aos comentários que êstes suscitem, preferimos, para não fugir ao critério adotado, deixar também a questão em aberto.

Fôssemos nós, no entanto, calcular, ainda que estimativamente, a margem de lucro, com tôda a complexidade do cálculo, que requer subdivisões de tipo de culturas, e, dentro destas, de exploração, de região ou zona, veríamos, por certo, que alguns produtos desvalorizados, em relação a 1940, auferem aos seus cultivadores uma margem talvez maior de compensação.

Ainda que não os tivéssemos incluído na relação de índices de preços, calculâmos os números-índices para 1950 das culturas que mais se destacam em nosso item 7, a saber: amendoim (número-índice 99), batata-doce (92), cebola (75) e tomate (40). Como deflacionâmos em bruto as médias de 1944 e 1950, ao nível de 1940, o afastamento da realidade deve ser da ordem de 10% para menos, motivo pelo qual acreditamos que as duas primeiras citadas se valorizaram, sobretudo o amendoim.

O preço médio do tomate, assim como várias hortaliças, baixou muito, aparentemente mais que qualquer outra cultura. E' certo que a escassez da produção inchava por vêzes os preços de 1940 — o que parece ser um fato no caso do tomate.

A fim de encerrar êste ponto, chamamos a atenção para a Nota 3, em Apêndice, que nos dá, em bloco, os acréscimos percentuais de área, quantidade e valor constatados nos Quadros I A, II e IV.

Perspectiva de conjunto

Podemos agora passar a uma análise de conjunto, continuando a exprimi-la, sempre que possível, na forma de quadros ou de gráficos que facilitem a sua interpretação.

Com os dados anteriores em vista, estabeleceremos de começo um esquema geral da produção agrícola, através do qual indicaremos depois, sinteticamente, a profundidade das modificações ocorridas nas condições de trabalho, de mercado, de rendimento e de produtividade. O quadro apresentará apenas as grandezas globais, a fim de facilitar a exposição (ver Quadro VI). Mais uma vez acentuamos que as deduções dêle tiradas não escapam muito da alçada teórica. E necessariamente assim terá de ser, visto que de outra maneira é impossível obter uma perspectiva de conjunto da produção agrícola de um país tão vasto e tão diverso, como a que tentamos apurar.

Tenha-se em consideração que durante o período coberto pelo quadro, as variações percentuais de cada cultura no valor, conforme vimos, já, são relativamente pouco importantes, o que nos anima a apresentar médias de valor por hectare plantado e tonelada produzida que, a não ser assim, se exprimiram em medidas perfeitamente absurdas, dada a variedade das culturas.

Para a comparação ser mais viva, antecedemos os resultados relativos a 1940 de seus equivalentes para 1937; também nos pareceu interessante incluir na mesma relação os totais de 1945, último ano de guerra e ano promédio (8). Abrimos ainda uma coluna especial onde se registra o número de tratores em funcionamento. Na falta de informações precisas, recorreremos a estimativas fundamentadas nas existências em 1940 e nos totais importados desde essa data, aceitando que 1/5 das máquinas recenseadas, cuja idade de serviço era elevada, tenham sido substituídas nos últimos cinco anos (9).

Na parte da população ativa, conservamos a cifra de 8,25 milhões de habitantes rurais ativos empenhados na agricultura, relegando os restantes 2,09 milhões à pecuária e outras ocupações afins que tenham alimentado o seu potencial de braços ativos na mesma proporção verificada dez anos antes. Pelos mo-

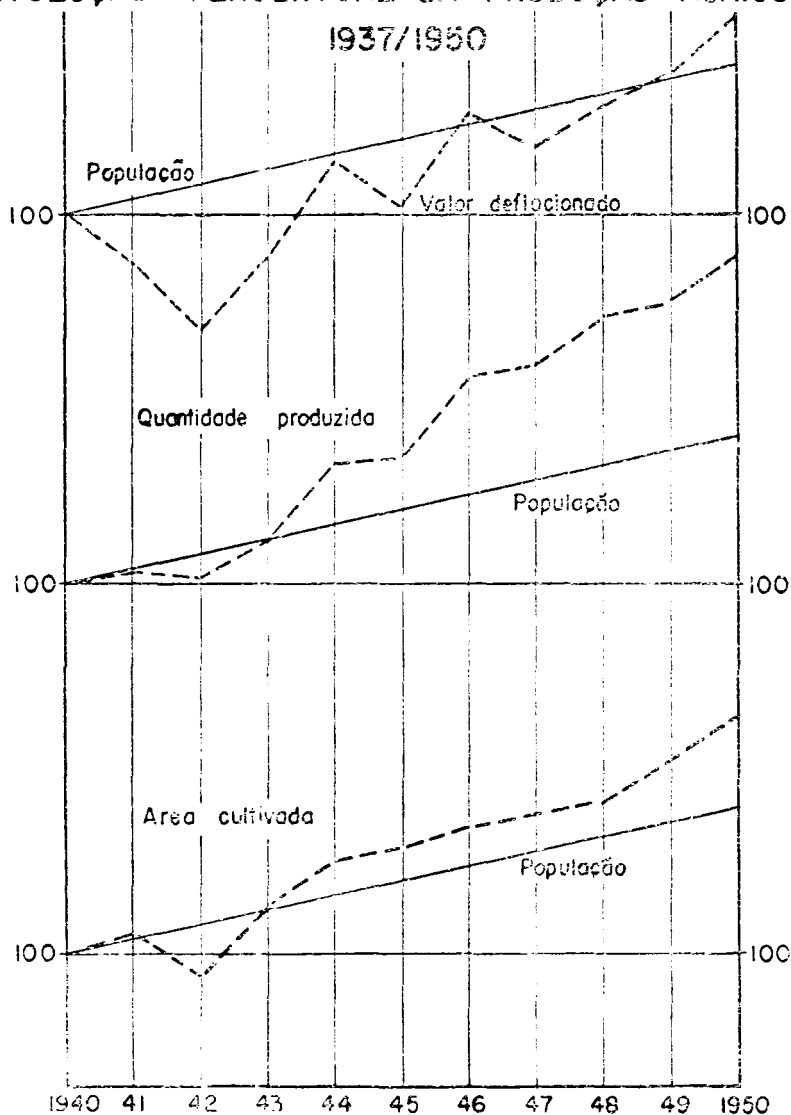
(8) Na *Nota 4* do Apêndice faz-se discriminação dos totais anuais, desde 1937, que serviram de base à confecção do *Gráfico II*.

(9) Tratores importados desde 1941:

1941 — 155; 1942 — 113; 1943 — 43; 1944 — 51; 1945 — 213; 1946 — 417; 1947 — 1.386; 1948 — 1.570; 1949 — 3.650; — 1950 — 5.440.

Os totais relativos aos três últimos anos são estimativos.

EVOLUÇÃO PERCENTUAL DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA



tivos expostos, quando estimamos a população rural ativa, não parece que nos tenhamos afastado muito da realidade.

Procederemos então, sumariamente, ao exame das relações de rendimento, de produtividade *per capita* e de valor reproduzidas no Quadro VII (10).

Antes, porém, teremos de convir que o aumento de produtividade só pôde ser conseguido pela introdução em maior escala, de máquinas tratoras e outros utensílios agrícolas mecanizados, tanto mais que o rendimento, com duas ou três exceções, é inferior às médias de 1940. Na verdade, tem sido bastante animador o incremento tomado no último lustro pelas importações de maquinaria agrícola. Do baixo nível em que estiveram, até o final da guerra, desenvolveram-se daí para cá com ritmo apreciável, sobretudo a partir de 1947. O Estado concedeu facilidades de crédito aos compradores e exonerou de direitos alfandegários as máquinas importadas.

Mas a despeito do volume de importações, é de crer que muito perto de 3/4 partes da produção agrícola se processem ainda sem qualquer ajuda mecânica. Em 1940, calculava-se que havia um trator por cada 4.000 hectares cultivados (no México, por exemplo, em 1939, idêntica proporção era de 1 trator para 2.093 ha); um arado por cada 19 pessoas ocupadas no labor dos campos (no México, um ano antes, 1 arado por 2,3 trabalhadores). Ainda por cima, a distribuição dos arados era sumamente irregular, pois em certos Estados do Norte havia quase 6.000 pessoas por arado, ao passo que no Sul a proporção caía a um arado por cada 3 pessoas.

Ao findar 1950, a perspectiva apresenta-se mais otimista. Além das importações a que nos referimos — e não somente de tratores, bem entendido, mas de máquinas de outros tipos e arados, — o número de fábricas nacionais que produzem máquinas simples e implementos vários tem-se expandido muito. Em São Paulo, já há uma centena de fábricas dedicadas quase que exclusivamente à produção de arados e, segundo informa a imprensa, acaba de ser experimentado com êxito um trator de construção nacional cujo processo de produção se estuda neste momento.

(10) Veja-se ainda o quadro complementar publicado na Nota 5, em Apêndice.

A existência de mão-de-obra barata e relativamente abundante, aliada às disponibilidades de novas terras, vinha juntar-se a falta de capital e a dificuldade na obtenção de créditos de fomento, como outros tantos entraves à mecanização dos campos. Acresce que as culturas principais são pouco aptas a se beneficiarem do emprêgo da máquina, como é o caso do café, do cacau e, parcialmente, pelo menos, da cana-de-açúcar. O baixo nível de preços agrícolas e as características do regime de propriedade muito têm a ver com o atraso na resolução dêste problema capital de qualquer agricultura moderna.

Atualmente, os Estados do Sul absorvem mais de 75% da maquinaria importada, o mesmo se podendo dizer da importação e consumo nacional de adubos, dos quais São Paulo, até 1946, absorveu entre 70 e 80% do total anual importado, baixando para 54%, dêsse ano em diante.

QUADRO VI

Brasil

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA: 21 PRODUTOS PRINCIPAIS

ANOS	POPULAÇÃO ATIVA AGRÍ- COLA (Mi- lhões de ha- bitantes)	N.º DE TRATORES	ÁREA CULTI- VADA EFETI- VA (Milhões de hectares)	QUANTI- DADE (Milhões de toneladas)	VALOR (Milhões de cruzeiros 1940)
1937	7,5	—	13,2	35,08	7 979,2
1940	7,5	3 380	12,9	43,35	7 803,5
1945 +8 cult.	7,85	3 950	15,0 0,2	51,50 1,2	7 917,4 235,9
1950 +8 cult.	8,25	13 500	17,6 0,4	64,64 1,4	10 043,0 340,9
<i>Acréscimos:</i> 1937/1940	—	—	-0,3	8,27	-175,7
1940/1945	0,4	570	2,1	8,15	924,3
1945/1950	0,35	9 550	2,3	12,98	2 439,0
<i>Acréscimo absoluto</i> 1940/1950	0,75	10 100	4,7	21,29	2 239,5
<i>Acréscimo relativo</i> 1940/1950	10%	300%	36,1%	49,1%	28,7%

QUADRO VII

Brasil

MÉDIAS ABSOLUTAS TEÓRICAS DE PRODUTIVIDADE,
RENDIMENTO E VALOR

(1940/1950): 21 produtos principais

DISCRIMINAÇÃO	MÉDIAS 1940/ /1950	1940	1945	1950	ACRÉSCIMO RELATIVO		
					1940/ Média 1940- -1950	1940/ /1945	1940/ /1950
Área média cultivada(*)	1,89	1,72	1,91	2,13	9,9	11,0	23,8
Produtividade média(**)	6,72	5,78	6,56	7,84	16,3	13,4	35,6
Rendimento médio(***)	3,56	3,37	3,43	2,67	5,6	1,8	8,9
Valor médio da produção (em cruzeiros de .. 1940):							
por habit. ativo.....	1 055,00	1 040,46	1 008,59	1 217,33	1,4	-2,4	17,0
por ha cultivado.....	559,08	604,92	526,77	570,63	-7,6	-12,9	-5,7
ton. produzida.....	156,94	180,01	153,74	155,37	-12,8	-14,6	-13,7

(*) Hectares por habitante ativo.

(**) Quantidade em toneladas, por habitante ativo.

(***) Toneladas por hectare cultivado.

Voltemos, contudo, ao exame das relações de produtividade e valor, pôsto que nosso intuito se reduz, afinal de contas, a isso, procurando por seu intermédio esboçar uma linha evolutiva da agricultura brasileira.

Dos resultados expostos, os que mais nos interessa considerar são os referentes à produtividade *per capita* e ao valor da tonelada produzida. No primeiro caso, constatamos um substancial, embora modesto, aumento médio de 16,3%, no decênio. No segundo, não é de estranhar, pelo que vimos antes, que a tonelada se tenha desvalorizado 12,8%. A produção de 1950, considerada isoladamente, revela uma desvalorização ligeiramente maior, com seus 13,7%.

Não obstante o sentido pouco claro que semelhante generalização de valor e quantidade por certo possui, não há dúvida que por ela podemos apreciar de relance o significado da difícil

situação em que vive a agricultura. A desvalorização da tonelada produzida corresponde também uma desvalorização média por hectare cultivado, determinada em 7,6%.

Já o valor médio da produção por habitante ativo nos apresenta um acréscimo de 1,4%, no decênio, amplamente ultrapassado em 1950, pois na mesma base de cálculo o ano recém-findo registra 17% de aumento. E' fácil de ver que a essa conclusão teríamos de chegar, de vez que a uma produção maior corresponde inversamente uma população ativa proporcionalmente menor. Se quiséssemos, também neste permenor, comentar os resultados, teríamos de nos alongar muito, a não ser que fôssemos tentados a esquecer a parte mais importante de qualquer cálculo de valor, ou seja, a sua distribuição pelos vários elementos que o produzem. Aliás, o acréscimo médio até 1950 é quase desprezível, se bem que a alta de certos produtos verificada nesse ano trouxesse como resultado uma valorização média teórica *per capita* de 35,6%.

Algumas observações à margem

1. A produção dos 21 produtos agrícolas básicos aumentou quantitativamente cerca de 49 %, correspondendo-lhe um acréscimo da área cultivada (+ 36%) superior ao aumento da população do país — que se estima em 22% — no mesmo período. Em valor deflacionado, o aumento foi apenas de 29%, tendo em vista a baixa real do poder aquisitivo da moeda, desde 1940.

2. Continuou muito limitado, em 1950, o aproveitamento do solo nacional arável. O aumento da área efetiva cultivada representou 0,6% da superfície total do país, e ao todo, as 29 culturas reconhecidas pelas Estatísticas da Produção ocupam, em terras de plantio e terras repousadas, menos de 12% da superfície das propriedades agrícolas.

3. As regiões agrícolas do Sul e do Centro-Oeste desenvolveram-se nos últimos tempos em cadência muito superior à das do Leste, Norte e Nordeste.

4. Com o crescimento das culturas para consumo interno, sobretudo de 6 cereais e de 5 de seus sucedâneos na alimentação e no aproveitamento industrial, cuja área preenche 59% do

total cultivado, a agricultura consolidou a tendência à diversificação que se acentuara na década de 30.

5. O aumento da produção agrícola, quer seja em área, em quantidade ou valor, deve-se fundamentalmente aos acréscimos assinalados pelas culturas de consumo interno (arroz, milho, trigo, mandioca, cana-de-açúcar, feijão foram as que mais se expandiram).

6. Os produtos agrícolas predominantemente destinados à exportação (algodão, café, cacau, fumo, mamona) contribuíram em parte apreciável para o aumento global em valor — cêrca de 14% —, apesar do seu volume de produção ter baixado um pouco, se encarado em bloco. O cacau e o café valorizaram-se bastante nos últimos anos, passando a ter cotações altas nos mercados estrangeiros.

7. O rendimento médio da maior parte dos produtos cultivados vem diminuindo de ano para ano. Mantém-se inferior aos resultados conseguidos nos países mais desenvolvidos. Contudo, para o conjunto das culturas, houve um acréscimo geral teórico de rendimento, que se estriba em tórno de 9% por hectare efetivamente laborado. Deve-se isso, sobretudo, ao fato de ter aumentado o rendimento das culturas de milho, trigo, mandioca e frutas de mesa.

8. Depreende-se que o consumo de fertilizantes está muito aquém do que seria de desejar. Na realidade, é insignificante, embora a produção nacional de adubos químicos, tão pouco expressiva antes da guerra, tenha aumentado em quantidades apreciáveis.

9. Devido ao baixíssimo consumo de fertilizantes e à não aplicação dos modernos princípios da rotação de culturas e outras medidas destinadas a rejuvenescer as terras aráveis, o esgotamento gradual dos solos cultivados assume aspectos cada vez mais graves. Qualquer aumento da produção só pode ser obtido graças a um acréscimo da área plantada.

10. À baixa do rendimento médio por hectare corresponde uma ligeira alta de produtividade *per capita*, explicada em grande parte pelo incremento que a mecanização da lavoura tomou no último lustro. No entanto, mais de 70% da produção agrícola se processa sem qualquer ajuda mecânica.

11. As importações de tratores e de outras máquinas agrícolas aumentaram substancialmente, triplicando nos últimos quatro anos o parque mecanizado da agricultura. De 1940 a 1950, entraram no país, mais de 12 000 tratores. Também a produção nacional de enxadas, arados e outras máquinas agrícolas simples acusa progressos notáveis.

12. Dêste modo, foi possível produzir mais, com uma população rural ativa proporcionalmente inferior à de 1940. De fato, esta não parece ter acompanhado o ritmo de crescimento geral da população. Estimativas à base de resultados parciais do último censo atribuem-lhe apenas um acréscimo da ordem de 1% ao ano.

O resultado deve aproximar-se muito da realidade, de vez que fatores os mais diversos determinaram uma migração importante das populações rurais para as cidades, que, em média, cresceram à razão de 4,6% ao ano (capitais dos Estados e demais centros urbanos).

13. Os preços pagos ao produtor baixaram em valor deflacionado, no conjunto da produção. Em média geral, a tonelada produzida viu o seu valor diminuído de 13,7%, a despeito da alta dos preços de exportação.

14. Acresce o fato de terem os índices dos preços das utilidades industriais subido mais que os dos preços pagos ao produtor. Os produtos por êste comprados aumentaram de valor com maior velocidade que os preços por êle recebidos. A margem de lucro reduziu-se. Os salários agrícolas, não obstante experimentarem diminuto acréscimo, passaram a pesar mais no custo da produção (11).

15. Tendo aumentado ultimamente o incentivo às exportações de produtos agro-pecuários (e de outras matérias-primas), aumentou igualmente a dependência da economia brasileira aos seus produtos tradicionais de exportação e, por conseguinte, aos mercados compradores estrangeiros. Essa dependência é tanto mais

(11) Em número absolutos, os salários agrícolas subiram muito, encabeçados naturalmente pelos salários do setor mecanizado. Na produção cafeeira, a média dos aumentos reais deflacionados não parece entretanto superior a 7%, num Estado típico como São Paulo, se bem atinja maiores proporções em certas zonas do Sul recentemente abertas à exploração agrícola. Os salários mais frequentes na produção tritícola — Cr\$ 48.00 de diária a seco — elevam-se ao dôbro dos percebidos na lavoura do café (diária a seco = Cr\$ 21.00.)

real ao verificar-se a diminuição que sofreram, depois da guerra, as exportações de manufaturas. As quantidades de produtos agrícolas exportáveis *per capita* são muito inferiores às de 1940.

16. Paralelamente, graças a diversificação que começa a caracterizar a agricultura, o Brasil torna-se cada vez mais auto-suficiente em matérias de produção de alimentos básicos, dentro do baixo nível de consumo atual.

17. Os progressos alcançados pela produção de trigo já permitem satisfazer quase 1/3 do consumo nacional. Como os produtores estão bem abastecidos de créditos e receberam muitas máquinas agrícolas, a produção tende a crescer gradualmente, reduzindo, neste caso particular, a dependência aos interesses internacionais que controlam os estoques exportáveis.

18. Dos fatos apontados ressalta a maior participação da agricultura no ativo de nossa balança de pagamentos internacionais desde que ignoremos, bem entendido, o reflexo que as importações de maquinaria nela fazem sentir.

19. Apesar da alta dos preços dos produtos básicos de exportação, o produtor percebe u'a margem de lucro inferior à que auferiu em situação semelhante, no passado (em 1929/30, por exemplo), e tudo indica que procura precaver-se contra os efeitos calamitosos que uma súbita queda dos preços precipitaria.

20. Com as maiores disponibilidades de divisas, será possível manter a mesma cadência das importações de tratores, máquinas agrícolas e adubos, se os Estados Unidos, principal país fornecedor, não limitarem a saída desses artigos, o que é, aliás, muito provável.

21. A competição, atualmente reforçada, entre o setor mecanizado da lavoura e o de cultivo à enxada, determinará fortes alterações estruturais, tanto mais que a escassez de braços ressentida em certas regiões deverá persistir e as culturas mais aptas à mecanização têm imediata e mais animadora procura, pagando salários mais elevados. Só pela intensificação da mecanização se poderá aliviar os efeitos da redução proporcional e contínua da população rural ativa, já que não se projetam modificações no regime de propriedade que encorajem a fixação à terra de extensas camadas da população rural.

22. Enfim, as atuais deslocações de produtividade tendem a aumentar a concentração da propriedade rural. A julgar pelas culturas que maior incremento acusam, foi nas médias e grandes propriedades que se verificaram os acréscimos mais substanciais da produção. Como é evidente, aos minimifúndios faltam recursos para se beneficiarem da mecanização.

QUADROS DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA BRASILEIRA (1940 - 1950)

Apêndice

NOTA 1

Propriedade Rural

O Recenseamento de 1940 comprovou a existência de 1.904.589 propriedades rurais, com uma área total de 197.720.247 hectares. Dividimos os dados censitários em cinco tipos de propriedades e com êles confeccionamos o quadro que segue, muito elucidativo sobre a situação constatada. Estudos parciais posteriores já permitiram caracterizar algumas modificações intervindas desde então. Mas, como é evidente, teremos de aguardar os resultados do último censo para obter a margem de segurança que se impõe, ao analisá-las. Em vista disso, nos pareceu melhor considerar por ora as percentagens relativas a 1940, na quase certeza, porém de que a sua atualização mais se fará sentir em desvantagem para a pequena e pequeníssima propriedades.

Cêrca de 75% dos estabelecimentos (1.425.200 unidades) possuíam 11% da área total, ao passo que 1,5% de superlatifúndios compreendiam quase cinco vêzes mais hectares.

A participação respectiva no valor da produção parece-nos calculada numa base pouco sólida, mas mesmo assim não deixa de merecer todo o reparo.

NOTA 2

Rendimento da Lavoura

O quadro abaixo publicado permite avaliar a exigüidade do rendimento médio de algumas das culturas brasileiras. Há de notar-se que as médias do período 1934/1938 a que nos referimos

RENDIMENTO MÉDIO NO BRASIL COMPARADO COM AS MÉDIAS
EQUIVALENTES DE DIVERSOS PAÍSES EM 1934/1938

(Quilos por hectares)

CULTURAS	BRASIL (1947/1949)	Estados Unidos	Europa	Vários
Arroz.....	1.545	2.490	5.000	China 2.500
Batata inglesa.....	4.823	7.800	13.200	—
Cana de açúcar.....	38.000	—	—	Java 137.300
Cebola.....	372	—	—	Itália 1.039
Feijão.....	686	—	—	—
Milho.....	1.276	1.560	1.430	Argent. 1.840
Tomate.....	969	—	—	Itália 1.504
Trigo.....	808	670	1.400	—
Algodão fibra.....	144	250	—	Egito 560
Fumo.....	830	980	1.090	Índia 1.130

foram, com uma ou duas exceções, largamente ultrapassadas em anos recentes. Aachamos interessante, no entanto, adotá-las para termo de comparação.

NOTA 3

Neste quadro inscrevemos tôdas as percentagens de área, de quantidade e de valor ponderadas em função da produção agrícola de 1940, dêste modo resumindo os quadros específicos da área, quantidade e valor da produção...

Brasil

PERCENTAGENS DE ÁREA, QUANTIDADE E VALOR DOS PREÇOS PAGOS AO PRODUTOR

ANOS	21 CULTURAS PRINCIPAIS																					8 RESTANTES		
	(1) 6 culturas			(2) 3 suc. de cet.			(3) 4 frutos			(4) Cana de açúcar e coco			(5) C. oleosas			(6) 5 pro-l. de expl.			Total			(7) Total das 8 culturas		
	A	Q	V	A	Q	V	A	Q	V	A	Q	V	A	Q	V	A	Q	V	A	Q	V	A	Q	V
1940	38,8	14,6	25,1	12,6	19,7	14,9	2,0	7,2	5,6	4,7	51,5	8,7	0,1	0,2	0,4	41,8	6,8	45,3	100,0	100,0	100,0	*	*	*
1950	42,1	15,4	33,4	16,6	23,4	15,4	1,4	7,4	4,9	4,9	49,2	7,5	0,1	0,3	0,4	34,9	4,3	38,4	100,0	100,0	100,0	+ 2,2	+ 2,2	+ 3,4
1940 - 1950																								
% do acréscimo total...	51,1	16,9	62,3	27,4	31,1	17,0	0,1	7,9	2,5	5,5	44,5	3,1	0,1	0,4	0,8	15,8	0,8	14,3	100,0	100,0	100,0	+ 4,0	+ 2,6	+ 4,7
% do aumento por grupo	47,6	57,0	71,3	78,6	77,6	32,7	2,4	47,6	13,1	42,4	42,4	10,3	25,0	73,0	58,6	13,7	- 5,5	9,1	36,1	49,1	28,7	93,6	64,7	44,5

* Sobre a produção de 1944.

NOTA 4

Para que se possa acompanhar ano a ano a evolução da produção agrícola, damos abaixo os totais anuais, desde 1937, sendo que os valores estão deflacionados em cruzeiros de 1940. Tomando-os por base elaboramos o Gráfico II, em que se registram as variações percentuais anuais, projetadas sobre um linha que traduz o crescimento da população brasileira, numa progressão simples.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA BRASILEIRA
DE 1937 A 1950

MILHARES DE (ha), (10 MILHÕES DE CRUZEIROS 1940)

Anos	21 culturas principais			8 culturas restantes		
	Área cultivada	Quantidade produzida	Valor deflacionado	Área cultivada	Quantidade produzida	Valor deflacionado
1937	13.245	35.079	7.979,2	—	—	—
1938	13.976	37.805	8.369,9	—	—	—
1939	13.839	41.845	8.771,9	—	—	—
1940	12.914	43.354	7.803,5	—	—	—
1941	13.319	44.305	7.296,1	—	—	—
1942	12.541	43.948	6.447,6	—	—	—
1943	13.793	46.216	7.325,9	—	—	—
1944	14.758	51.053	8.444,7	202	859	235,9
1945	15.028	51.499	7.917,4	247	1.185	276,9
1946	15.361	57.039	8.995,6	249	1.044	273,6
1947	15.576	57.505	8.619,5	278	1.169	287,5
1948	15.823	60.708	9.042,2	396	1.340	333,7
1949	16.636	61.694	9.414,4	385	1.327	323,0
1950	17.581	64.643	10.043,0	391	1.415	341,0
Médias 1940/1950	14.851	52.904	8.302,9	307	1.191	296,0

NOTA 5

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA: MÉDIAS ABSOLUTAS
TEÓRICAS DE RENDIMENTO E VALOR (em Cr\$ 1940)

GRUPO DE CULTURAS	Rendimento médio por hectare	Valor médio da produção por ha	Valor médio da tonelada produzida
(1) — 6 cereais:			
1940.....	1,26 t	Cr\$ 390,54	Cr\$ 309,16
1950.....	1,34 t	Cr\$ 453,10	Cr\$ 337,39
± %.....	+6,3%	+16,0%	+ 9,1%
2) — 3 sucedâneos de cereais:			
1940.....	5,24 t	Cr\$ 714,54	Cr\$ 136,41
1950.....	5,21 t	Cr\$ 531,11	Cr\$ 101,96
± %.....	-0,6	-25,7	-25,3
(3) — 4 frutas			
1940.....	12,65 t	Cr\$ 1 761,13	Cr\$ 139,15
1950.....	19,91	Cr\$ 2 045,64	Cr\$ 102,75
± %.....	+57,4	+16,2	-26,2
(4) — Cana de açúcar e côco:			
1940.....	36,6 t	Cr\$ 1 119,87	Cr\$ 30,56
1950.....	36,6 t	Cr\$ 867,36	Cr\$ 23,65
± %.....	0,0	-22,6	-22,6
(5) — 1 Forragem:			
1940.....	5,55 t	Cr\$ 1 450,00	Cr\$ 261,26
1950.....	7,68 t	Cr\$ 1 840,00	Cr\$ 239,58
± %.....	+38,4	+26,9	- 8,3
(6) — 5 produtos de exportação:			
1940.....	0 54 t	Cr\$ 654,75	Cr\$ 1 204,43
1950.....	0,45 t	Cr\$ 627,75	Cr\$ 1 389,69
± %.....	-20,0	- 4,3	+15,4
Total das 21 culturas:			
1940.....	3,37 t	Cr\$ 492,25	Cr\$ 180,01
1950.....	3,68 t	Cr\$ 570,63	Cr\$ 155,37
± %.....	+9,2	-5,7	-13,7
(7) — 8 cultura restantes:			
1944.....	4,25 t	Cr\$ 1 193,07	Cr\$ 280,56
1950.....	3,62 t	Cr\$ 872,12	Cr\$ 240,99
± %.....	-14,8	-26,9	-14,1

SUMMARY

TABLES OF AGRICULTURAL PRODUCTION IN BRAZIL (1940-1950)

Taking as his basis the Statistics for Agricultural Production, the Author analyses the results of the latest harvests and then goes on to examine in broad outline the principal trends of evolution taken by Brazilian agriculture since the beginning of the last World War.

In attempting to adapt itself to new economic conditions, agricultural production has, in fact, shown some notable modifications, not so much in its distribution in value, which continues to be dominated by six products which account for 75% of the total value, but in variation and in physical volume. To an increase in area of round about 36%, there is a corresponding increase of quantities produced (49%), in proportions which only slightly vary between themselves.

In the working out of the Tables, which are presented with the objective of affording elements of comparison and study for future research into the production of the nation taken as a whole, the twenty-one main cultures chosen for statistical study (98% of the total area and value) were divided into six groups: grain, grain substitutes, fruit, fodder, products which are predominantly destined for export, and, in a special category, the sugar cane and Bahia cocoanut, which do not fit into other groups and besides have very similar economic characteristics. The eight remaining cultures, admitted to the field of statistics from 1944 onwards, were merged into a seventh group, on account of their small share in the general total.

On the basis of the 1940 unitary prices, the Author decided on a synthetic index for prices, by which he measured the production value of the last five-year period, arriving at the conclusion that — except in the case of coffee and five other products which have still maintained or are seeing a decrease in the effects of a slight rise which was achieved during the last years of the war — the greater part of production has considerably lost in value. In a global comparison made, the increase in absolute value, during the period 1940-1950, was only 29 %.

The basic year 1940, as a matter of fact, has as its corresponding index number 99,9 in the synthetic scale of averages "1935/1939 = 100", suggested by the I.B.G.E.

Continuing with his schematic analysis, the Author establishes ratios for yield, productivity and value for each one of the groups under consideration and for production as a whole.

Without trying to draw definite conclusions from this, the principal modifications which have come about in the period under analysis, are as follows:

a) The advantage taken of the soil of the country continued to be very limited.

b) Cultures for internal consumption increased at an accelerated rate, whilst those destined for export decreased a little in volume and, proportionately, in value, despite the marked rise in their key product.

c) The yield from harvests is low.

d) Seeing that the rate of increase of the rural population actively employed in agriculture does not appear to have accompanied the equivalent rate for the total population of the country which, in its turn, is inferior to the annual rate of increase in volume and value of agricultural production, it seems reasonable to believe that productivity and value per capita have increased, generally speaking.

e) The mechanization of some sectors of farm labor shows marked progress: as foreign exchange became more readily available and greater facilities were granted by the Government, it became possible to import a great amount of agricultural machinery.

f) Since, lately, incentive for exportation has increased, there has also been an increase in the dependence of Brazilian economy on its traditional export agricultural products. However, the per capita quantity available for export is smaller than during the 1930 decade.

RÉSUMÉ

TABLEAUX DE LA PRODUCTION AGRICOLE AU BRÉSIL (1940-1950)

L'auteur, en se basant sur la Statistique de la Production Agricole, analyse les résultats des dernières récoltes, passant

ensuite à examiner dans leurs grandes lignes, les principales tendances de l'évolution de l'agriculture du Brésil depuis le commencement de la dernière guerre mondiale.

La production agricole, qui a essayée de s'adapter aux nouvelles conditions économiques a, de fait, montré quelques sensibles modifications, moins pourtant en ce qui concerne leur distribution en valeur, qui continue à être dominée par six produits qui constituent 75% (soixante quinze pour cent) de la valeur totale, que dans leur variation et dans leur volume. À un surcroît de terrain cultivé d'environ 36% correspond, dans des proportions qui ne varient que légèrement entre soi, un surcroît appréciable des quantités produites (49%).

Pour effectuer l'élaboration des tableaux, que l'auteur présente dans le but de fournir des éléments de comparaison et de pondération pour des recherches futures sur la production nationale prise dans son entier, il a divisé les vingt-et-une cultures principales signalées para la statistique (98% des terres cultivées et de la valeur totales) en six groupes, à savoir, céréales, succédanés de céréales, fruits, fourrage, produits destinés avant tout à l'exportation et, dans une catégorie spéciale, la canne à sucre et la noix de coco de Bahia, qui ne cadrent pas avec les autres groupes et possèdent, du reste, des caractéristiques économiques très semblables. Les huit cultures qui restent, et qui ont été admises dans la statistique à partir de 1944, ont été englobées dans un septième groupe, à cause de la petite part qu'elles tiennent dans les grands totaux.

Prenant comme base les prix unitaires de 1940, l'auteur a choisi un indice synthétique pondéré de prix, au moyen duquel il a mesuré la valeur de la production pendant la dernière période de cinq ans, arrivant à la conclusion que — sauf dans le cas du café et de celui de cinq autres produits qui conservent encore, ou qui voient décroître les effets d'une légère hausse réalisée durant les dernières années de la guerre — le gros de la production a été considérablement dévalorisé. Dans une confrontation globale, l'accroissement de valeur absolue pendant la période 1940/1950 a été de 29% à peine.

À l'année basique de 1940 correspond, d'ailleurs, le nombre-indice 99,9, dans l'échelle synthétique des moyennes 1935/1939 = 100, suggérées par l'I.B.G.E.

Continuant son analyse schématique, l'auteur établit des rapports de rendement, de productivité et de valeur pour chacun des groupes en considération, et pour la production prise dans son entier.

Sans pourtant essayer d'en tirer des conclusions définitives, les principales modifications intervenues dans la période analysée sont les suivantes:

a) L'avantage que l'on a tiré du sol du pays continue à être très limité.

b) Les cultures destinées à la consommation intérieure ont augmenté à un rythme accéléré, tandis que celles destinées à l'exportation ont diminué un peu en volume, et proportionnellement en valeur aussi, malgré la hausse sensible de leur produit-clé.

c) Le rendement des récoltes est très faible.

d) Vu que le taux d'accroissement de la population rurale active employée dans l'agriculture ne paraît pas avoir accompagné son équivalent pour la population totale du pays, qui à son tour est inférieur au taux annuel d'accroissement en volume et en valeur de la production agricole, il est à supposer que la productivité et la valeur per capita aient augmenté d'une manière générale.

e) La mécanisation de quelques secteurs du labourage a montré des progrès remarquables; à mesure que les devises étrangères sont devenues plus disponibles, et que de meilleures facilités ont été fournies par l'État, il a été possible d'importer un grand nombre de machines agricoles.

f) Puisque l'encouragement récent à l'exportation s'est accru, il y a eu, aussi, accroissement de dépendance de l'économie brésilienne sur ses produits agricoles d'exportation traditionnelle. Toutefois, la quantité de ceux-ci susceptible d'être exportés, per capita, est moindre que dans la période 1930-1940.